

# A Didática na formação de professores

## Objetivo

- Discutir o papel da Didática na formação de professores.

## Introdução

A Didática diz respeito à atividade docente, especialmente àquela desenvolvida na sala de aula, mas também se refere às práticas exercidas em outros espaços formativos, como por exemplo, às aulas de campo e aos laboratórios de pesquisa.

Em Comênio (1592 - 1670), como expresso em sua obra clássica intitulada *Didática Magna*, a Didática aparece como “Tratado da arte universal de ensinar tudo a todos” (COMÊNIO, 1985, p. 43). Considerado por muitos estudiosos da educação, como um dos criadores da Didática, Comênio reconheceu a educação como uma atividade entrelaçada com a política, a cultura e a religião. No contexto da reforma protestante, exercendo a função de pastor luterano e reitor de uma instituição educacional, Comênio propôs mudanças significativas na educação de sua época, tanto nas questões relativas ao acesso à escola, como na modificação dos métodos de ensino.

Embora superada, a visão de Didática como arte de ensinar tudo a todos, a *Didática Magna* mantém, em alguns aspectos, a atualidade própria de uma obra clássica, como nos adverte Manacorda (1996). Nesse sentido, Manacorda imputa ao autor protestante, o mérito da valorização histórica das metodologias atualmente denominadas de ativas, como também da pesquisa na escola. Assim, não devemos desmerecer a influência de ideias que nos parecem tão antigas e geradas em territórios tão distantes, com as de Comênio, mas buscar compreendê-las em seu contexto histórico, como também entender as contribuições para a construção da Didática contemporânea, através de seu percurso histórico-social.

A este respeito, Candau (1983), tomando como base suas experiências como aluna do curso de pedagogia, e, também, como professora de Didática,

expôs os dois momentos da Didática, na formação de professores, no Brasil, como veremos a seguir.

Por seu turno, Veiga (1992) realizou uma retrospectiva histórica acerca dos variados aspectos assumidos pela Didática, da qual nos servimos a seguir, objetivando expor sinteticamente, a trajetória da didática, no Brasil.

De acordo com Veiga, a primeira fase da didática, em nosso país, iniciou-se com a chegada dos religiosos da Companhia de Jesus, em 1549 e terminou na década de 1930, quando a Didática assumiu o caráter de disciplina no ensino superior. Na verdade, a disciplina era denominada de “metodologia de ensino”, pelos religiosos inicianos. Os jesuítas permaneceram no comando da educação do Brasil, entre 1549 e 1759, ou seja, por 210 anos, até serem expulsos do país, pelo Marquês de Pombal. Durante esse longo período, os inicianos desenvolveram um tipo de ensino voltado para uma formação humanista e essencialista, fundamentada na tradição católica dogmática, própria da época em análise.

A Contra-Reforma estava na ordem do dia e a educação possuía o claro objetivo de catequizar os nativos, imprimindo neles os princípios religiosos que interessavam ao Vaticano. O protestantismo de Comênio era combatido pela aplicação dos métodos pedagógicos próprios ao catolicismo, marcado pela extrema autoridade do professor, pela memorização, pela competição, pela ausência de crítica.

As regras do método didático reproduziam os preceitos conservadores do *ratio studiorum* (Plano de estudos), escrito por Inácio de Loyola, em 1599 e publicado como bula papal, na forma de instruções minuciosas sobre o devido funcionamento das instituições educacionais nos reinos cristãos influenciados por Roma. O ensino era totalmente desvinculado dos problemas da vida cotidiana dos colonos e a realidade aparecia como imutável para professores e alunos.

Diante desse quadro, a Didática se resumia às normas prescritas pelo *ratio*, que deveria ser seguido sem questionamentos por parte dos envolvidos. Nesse caso, a Didática aparecia como elemento externo sobre aqueles que deveriam ser os sujeitos da educação e atendia aos interesses religiosos, políticos e econômicos próprios ao período de expansão do incipiente capitalismo europeu, fundado à época em bases bastante atrasadas, devido ao fraco desenvolvimento das forças produtivas do referido período.

A partir da expulsão dos jesuítas, em 1759 e da reforma da educação, sob o comando do Marquês de Pombal, a Didática assumiu nova roupagem, porém, conservando vários elementos da educação jesuítica.

Sob influência da modernização européia, o essencialismo tomou forma racionalista e a ciência positiva substituiu a leitura confessional da realidade. O Brasil criava uma face urbana e uma ambientação republicana, mas a educa-

ção continuava a reproduzir uma didática baseada no intelectualismo, no autoritarismo docente, na formação acrítica. Nesse contexto, a Didática era apenas um conjunto de regras formais para orientar rigidamente os professores.

A segunda fase da Didática, no Brasil, conforme Veiga, iniciou-se com a inclusão da disciplina Didática, nos cursos de formação de professores. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, possibilitou a implementação da disciplina de Didática, somente a partir de 1939. Nesse momento, a disciplina Didática surgiu como um instrumento de capacitação dos professores e da renovação educacional. Vale lembrar que a década de 30, do século passado, foi marcada por vários movimentos de ordem política, educacional e cultural, do qual destacamos o lançamento, em 1932, do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, importante documento lançado por intelectuais do porte de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e Cecília Meireles.

O nascimento da Didática, como disciplina, ocorreu, portanto, no solo fértil dos intensos debates educacionais impulsionados por aqueles que demonstravam todo interesse em criar uma metodologia educacional que pusesse os meios educacionais no centro da atividade educativa, ao invés dos conteúdos, como fazia a educação tradicional. Na nova concepção, qual seja, na concepção do humanismo existencialista dos educadores da Escola Nova, a Didática viria a por os meios de ensino à disposição dos alunos, por intermédio do professor. Desse modo, a efetivação da Didática como disciplina, foi uma demonstração de força dos escolanovistas sobre a Escola Tradicional.

Seguindo sua exposição, a autora em análise sustenta que o ano de 1937, com a implantação do autoritarismo pelo Estado Novo getulista, coibiu os debates acerca das grandes questões nacionais, dentre as quais, a educação. Neste período, afirma Veiga, a Didática se apresentou na forma de um conjunto de ideias e métodos de forte aspecto técnico, privilegiando os fundamentos psicológicos, a ciência experimental e fomentando o desprezo pelos aspectos sócio-políticos da educação.

Vale salientar: a abordagem psicológica dominante servia aos interesses de inculcação do individualismo e da competição. A ênfase no aspecto psicológico, contra o aspecto lógico formal, é uma atitude própria da educação escolanovista, o que revela, mais uma vez, a força do ideário dos renovadores no período em pauta (1930 - 1945). O caráter técnico-prático do ensino e o ensino tomado como pesquisa, demonstram ainda a importância da Didática da Escola Nova, no período acima aludido. No entanto, Veiga, com base em Saviani, lembra que entre os anos de 1930 e 1945, houve um equilíbrio das ideias tradicionais com as ideias renovadoras, no campo educacional brasileiro.

Influenciada pelas ideias em conflito, a Didática assumiu um caráter bastante técnico e a formação do professor objetivava formar exatamente um profissional com o perfil de um técnico em educação.

<sup>1</sup>Politicismo: supervalorização da análise política, penalizando os aspectos humanos e técnicos da atividade educativa

Já os anos compreendidos entre 1945/1960 são descritos, por Veiga, como de penetração do capital estrangeiro, de democracia liberal e de participação das massas, através do populismo e do desenvolvimentismo propagado pelo presidente Getúlio Vargas. No campo educacional, a disputa entre católicos e liberais em torno da primeira Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei 4.024/61), revela o conflito interesses entre setores em luta na sociedade brasileira, na qual a defesa da escola pública e gratuita aparece como elemento chave por um lado, contra a defesa dos interesses privatistas, por outro.

Como país imperialista, os Estados Unidos, à moda dos países europeus dominantes outrora, buscou impor seus interesses não só no campo econômico, mas também no campo educacional. Aliás, em rigor, não podemos separar os dois campos, ainda mais neste período, quando economia e educação passaram a assumir claras identificações pelas ideias de autores norte-americanos como Shultz (1963) e sua Teoria do Capital humano. Nesse momento passa avigorar a ideia de que ao progresso econômico depende diretamente da educação. Da mesma forma, o progresso individual nasceria do investimento da família na educação de seus filhos.

Esse período marcou o início dos convênios para transferência de tecnologia educacional dos Estados Unidos para o Brasil, revelando uma clara imposição do liberalismo pragmático-técnico norte-americano na educação brasileira. Diante disto, a Didática se restringiu à aplicação de meios educacionais, relacionados à metodologia de ensino. A supervalorização dos meios comprometeu o ensino crítico e a aquisição do saber historicamente elaborado, por parte dos educandos,

O período pós-1964, época de implantação de uma violenta ditadura em nosso país, aprofundou a intromissão dos interesses do capital internacional, via Estados Unidos, na vida nacional. A educação do povo brasileiro se viu refém de acordos firmados com a Agência Americana para o Desenvolvimento Educacional (USAID), que impôs uma educação tecnicista, ao Brasil.

Na ocasião, os cursos de formação de professores, passaram a investir na formação de técnicos supostamente competentes, para que os mesmos assumissem a rígida burocracia estatal do regime autoritário, em vigor; O papel da Didática seria a de propiciar o treino, com base em critérios ditos científicos, objetivando uma suposta neutralidade científica, adequada à produtividade, à racionalidade dos custos no uso de recursos e do tempo (pois, tempo é dinheiro!), a eficiência, etc.

Cabia à Didática, organizar racionalmente o processo de ensino, estabelecendo objetivos instrucionais de modo a moldar o comportamento dos indivíduos às organizações. O centro do processo era, ou deveria ser, a tecnologia educacional, as máquinas de ensinar. A Didática tinha como método o treino dos indivíduos

e operava com base em reforços positivos ou negativos, advindos de uma base psicológica comportamentalista. Era meramente instrumental e pragmática.

Compartilhando dessa análise, Candau delimita a fase entre 1959 e primeira metade da década de 1970, como aquela que marcou “A afirmação do técnico e o silêncio do político”, e o pretenso pressuposto da neutralidade científica, na educação.

Já a segunda fase delimitada pela autora, corresponde à segunda metade dos anos 70, do século XX, e trouxe “a afirmação do político e a negação do técnico”. Assim, contra qualquer Didática, se propunha uma antididática, já que os objetivos políticos da época de enfrentamento da ditadura, apontava para a contestação da Didática como instrumento de dominação.

Corroborando com os argumentos de Candau, Veiga constata o *politicismo*<sup>1</sup> presente a partir de 1974, quando a abordagem educacional de oposição foi dominada pelas teorias crítico-reprodutivas, sob a influência de Althusser, Bourdieu, Baudelot, e outros.

Em meados dos anos 80, do século passado, o Brasil passou por um processo de redemocratização e um amplo debate sócioeducacional mudancista tomou conta do País. A perspectiva da politização se fortaleceu, na busca dos educadores por uma Didática contextualizada (Veiga), mas, segundo a autora, ainda predomina a Didática instrumental na formação dos professores. À época, Candau (1987) propunha uma “didática fundamental” (p. 21) apontando para a multidimensionalidade da Didática, referenciada por aspectos relativos tanto à técnica, como à relação humana, como à questão política.

As perspectivas críticas, abafadas durante os longos 21 anos da ditadura, ressurgiram nos cursos de formação de professores, especialmente na forma de uma pedagogia do oprimido, como em Paulo Freire; ou sob a influência de autores marxistas, como Gramsci, Snyders, e Saviani com seus orientandos: Libâneo, Nosella, Cury, Mello, dentre outros de relevo, na proposta da pedagogia crítico-social dos conteúdos; ou ainda na forma de uma pedagogia libertária, como em Tragtenberg. Os anos entre 1980 e 1991, são considerados por Saviani (2007) como aqueles em que, através de “ensaios contra-hegemônicos”, as pedagogias críticas buscaram orientar a prática educativa, no Brasil.

Este período é socialmente marcado pela forte organização das lutas populares e por grandes ondas de greves, das quais os professores participaram intensamente, em todo o País.

A partir dos anos 1990, período não tratado nas obras de Candau e Veiga, a educação passou a sofrer uma série de intervenções, advindas das novas relações sociais propiciadas, aparentemente, pelo fim da guerra fria entre o mundo capitalista e o chamado bloco socialista. A queda do muro de Berlim, em 1989, e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), em dezembro de 1991, provocaram mudanças na organização da

vida social, influenciando, sobremaneira, a educação das próximas décadas. A proclamada vitória final do capitalismo e o fim da história (Fukuyama, 1992), desarticularam os setores avançados da sociedade e propiciaram aos setores dominantes, amplo poder de intervenção, inclusive com a modernização de suas teorias e a cooptação de muitos intelectuais.

Nesse terreno fértil, as propostas conservadoras retornaram maquiadas e ressignificando termos tomados das teorias críticas, confundindo grandes contingentes de educadores e recebendo um tipo de adesão passiva a muitos de seus propósitos. Diante desse quadro, a Didática dos anos 1990 retoma os aspectos produtivistas, imediatistas, pragmáticos e instrumentais, classificados, por Freitas (1992), como um neotecnicistas.

Sobre os anos compreendidos entre 1991 e 2001, Saviani (2007) afirma que “não é fácil caracterizar em suas grandes linhas essa nova fase das ideias pedagógicas” (p. 426), pois essas ideias encontram-se em relações complexas com ideias do passado, o que, muitas vezes, nos leva a recorrer aos prefixos “neo” ou “pós”, como já fizemos um pouco acima com o termo neotecnicismo, ou como podemos falar em neoescolanovismo, ou ainda, em pós-modernismo.

No entanto, o autor chama a atenção para a valorização de uma concepção empresarial, no âmbito escolar, que lança uma nova versão teoria do capital, seja através do estabelecimento de competências, seja na redefinição das ideias escolanovistas do aprender a aprender. Nesse contexto, a ênfase psicologizante afeta negativamente a formação do professor, na qual muitas questões educacionais são abordadas como meramente de âmbito individual e emocional.

As consequências dessas concepções deságuam em práticas pedagógicas aligeiradas, antiteóricas, praticistas, comprometendo a formação humana em seu sentido pleno e profundo. Se tivermos dúvidas acerca das afirmações do autor, olhemos para as salas de aula de nossas escolas públicas e verifiquemos até que ponto nossos alunos estão aprendendo aquilo que deveriam aprender na escola. Pensamos que a Didática tem muito a dizer sobre isso.

### Atividades de avaliação



Tomando como base o capítulo lido e ainda a leitura do poema de Brecht e sua própria experiência escolar, reflita e escreva sobre as seguintes perguntas:

- a) Considerando a formação humana em sentido amplo, ou seja, o acesso ao saber de forma enriquecedora, até que ponto a escola pública brasileira contribui para formar dirigentes ou dirigidos?
- b) E mais: Até que ponto a prática pedagógica dominante nas escolas públicas está comprometida com o aprendizado?

## Leituras, filmes e sites



### Leitura

MARTINS, Pura Lúcia O. A didática e as contradições da prática. Campinas: Papirus, 1998.

MARTINS, Pura Lúcia O. Didática teórica/didática prática: para além do confronto. 9. ed., São Paulo: Loyola, 2008.

DAMIS, O. T. Arquitetura da aula: um espaço de relações. In: DALBEN, A. I. L. de F. et al. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: didática, formação de professores, trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a. p. 202-218.

FRANCO, M. A. S.; GUARNIERI, M. R. Facetas da disciplina didática: um estudo exploratório. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 31., 2008, Caxambu. Anaiseletrônicos... Caxambu: ANPEd, 2008.

BARGUIL, Paulo Meireles. A Didática nos cursos de licenciatura: o futuro educador e a avaliação contínua. In: OLINDA, Ercília Maria Braga; FERNANDES, Dorgival.

Gonçalves (Orgs.) Práticas e aprendizagens docentes. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 56-77.

DAMIS, Olga Teixeira. Didática: suas relações, seus pressupostos. 8ª Ed. Campinas.SP. Papirus, 1993. p. 13-24.

LAMARE, Flavia de Figueiredo. Didática: Saberes em Interação na Formação do Professor-Pesquisador. ISSN 1807-6211. Universidade Federal Fluminense, 2005.

LIBÂNEO, José C. Democratização da Escola Pública a Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. São Paulo, Loyola, 15ª edição, 1985.

LUCKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez Editora, 1994.

SAVIANI, Dermeval: Escola e democracia. Campinas, São Paulo: autores associados, 1995. (coleção polêmicas do nosso tempo; vol.5).

### Vídeos

**Entre os muros da escola:** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mVRg7aeMJ2g>

**Sinopse:** Uma sala de aula na periferia de Paris simboliza o choque cultural presente na França contemporânea: François Marin, um professor francês,



busca formas de se aproximar de seus estudantes asiáticos, africanos, árabes e franceses. O longa é baseado no livro homônimo de François Bégaudeau, protagonista da narrativa.

Formação de Professores com Prof. Cipriano Luckesi - Editora Moderna. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FkaO7zFPZPw>

Formação de professores: a frágil relação entre teoria e prática. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=tkAGoL7Dosc>

Roda de Conversa - Tema: Formação de Professores - Parte 1. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=Y8Q40miZHGQ>

### Sites

Formação de professores e prática reflexiva: Disponível em: <http://www.iesp-rn.com.br/ftpiesp/DisciplinasPROISEP/M%F3dulo%202/4-Pr%20E1tica%20da%20Forma%20Pedag%20Educa%20e%20Realidade%20Escolar/Texto%201%20-%20Forma%20de%20professores%20e%20pr%20reflexiva.PDF>

Os caminhos para a formação de professores. Disponível em: <http://gestao-escolar.abril.com.br/formacao/caminhos-formacao-professores-476133.shtml>